

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

Barry Charles Silva: vida e obra em um grande picadeiro

DANIEL DE CARVALHO LOPES\*

A presente comunicação constitui-se na apresentação do itinerário de produção de um vídeo documentário sobre a trajetória de vida e obra do artista e empresário circense Barry Charles Silva (1931 – 2012), 3ª geração de duas importantes famílias circenses no Brasil: Wassilnovich (atual Silva) e Riego, duas famílias, que como a maioria dos circenses que chegaram nos últimos três séculos, muito contribuíram para a produção cultural e a consolidação do circo como patrimônio cultural. Por meio do cruzamento de dezenas de fotografias, documentos cartoriais, periódicos e variadas outras fontes, além de entrevistas realizadas ao longo do ano de 2012 com Barry Charles, seus familiares e amigos circenses, pretendemos compor uma cartografia da “multidão” que foi Barry (acrobata, trapezista, cantor, ator, dançarino, domador, aprendiz, mestre, empresário, aviador, chefe de clã, pai, avô, maçom etc.), e, conseqüentemente, além de apresentar suas variadas facetas, oferecer visibilidade à própria história do circo e dos circenses brasileiros.

### Itinerário da produção

Em final de 2011, fomos contemplados com o Prêmio Carequinha de Estímulo a Circo/2011 – Módulo Pesquisa - da Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), para realizarmos a produção do Documentário (audiovisual) de Barry Charles Silva, um dos principais artistas circenses, empresário e mestre que atuou no Brasil, na época ainda com 80 anos<sup>1</sup>.

"Seu" Barry, como era chamado, morava em Belo Horizonte, e se sentia muito importante por ser de circo, por pertencer à família circense, mas não tinha, ainda, a dimensão do quanto sua vida contribuiu para construção do **CIRCO COMO PATRIMÔNIO**

---

\* USP – Universidade de São Paulo, doutorando em Educação.

1 A pesquisa aqui apresentada foi uma realização conjunta e de parceria entre Daniel de Carvalho Lopes, Erminia Silva, Emerson Merhy e Giane Daniela Carneiro, sendo Erminia Silva filha de Barry Charles Silva e historiadora circense.

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

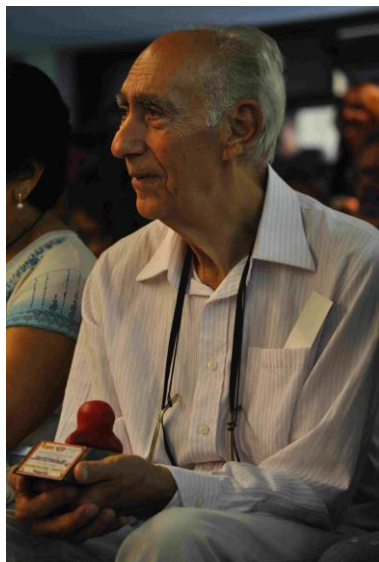
De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

**CULTURAL BRASILEIRO.** Nós – Daniel Lopes e Erminia Silva, junto com nossos parceiros atuantes Emerson Merhy e Giane Carneiro – não tínhamos dúvidas dessa contribuição e queríamos que ele pudesse saber da amplitude de sua importância ainda em vida.

Para tanto, de fevereiro a julho de 2012 organizamos e gravamos em vídeo inúmeras atividades de homenagens, festejos e reuniões com a participação de Barry, seus familiares e amigos, bem como realizamos a organização e digitalização de todo o acervo de fontes pertencentes à família de Barry que abordassem sua trajetória e produção circense. Somado a essas ações, realizamos também entrevistas com o próprio Barry, seus filhos, netos e antigos e novos amigos que acompanharam e compartilharam de sua trajetória.

Antes de adentrarmos mais diretamente na descrição e objetivos dessas produções de 2012, é importante apresentarmos um quem foi Barry Charles Silva, seus antecedentes e sua importância para o circo.

Barry Charles Silva nasceu em 09 de fevereiro de 1931 numa casa no Bairro do Belenzinho, em São Paulo e era filho de Esther Riego Silva e Benevenuto Silva, ambos artistas nascidos no circo.



**Foto 1:** Barry em momento de sua homenagem realizada no Centro de Memória do Circo (26/032012).

No Brasil, a partir de 1818, registra-se a presença de várias famílias circenses europeias (LOPES e SILVA, 2015). A família de Benevenuto Silva, pai de Barry, segundo pode-se apreender pelos relatos orais, chegou ao Brasil em um navio que aportou em

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

Salvador, vindo da Europa, particularmente da região da antiga Sérvia, sendo que a data provável seja em torno de 1870. Trabalharam em diversos circos pela Europa e chegaram como saltimbancos, trazendo praticamente o corpo como instrumento de trabalho e, também, um urso, com o qual se apresentavam em praças públicas “dançando o urso”. Em seguida começaram a construir seu próprio circo, bem como estabelecer diversas sociedades, entre as quais com as famílias François, Stankowich, Stevanovich, Giglio, Batista, Mitter, Riego, Pimenta, Faya, Galeguito, Pepino, Temperani e Ozon (SILVA, 2009).

Seguindo mais um pouco nesta genealogia, por meio de relatos da família notificamos que Pedro Basílio, pai de Benevenuto, era um ator renomado, fazia números circenses e se dedicava a adestrar cavalos.

Basílio tinha sete filhas mulheres e seu sobrenome era Wassilnovitch quando aportou por aqui. Entretanto, quando foi ao cartório legalizar sua permanência no país, nem ele nem o escrivão sabiam escrever o nome. Foi então que, segundo nos relatou o próprio Barry, seu avô sempre contava que o nome que ele mais ouvia era o de Joaquim da Silva Xavier (Tiradentes), o que o fez optar por algo “bem brasileiro”, passando a ser chamado de Pedro Basílio Silva.

Não se sabe ao certo quem era a esposa de Basílio na época da chegada, mas o fato é que ele se casou de novo, com a carioca Maria (cujo sobrenome não temos informações), e com este novo matrimônio teve mais seis filhas: Nena, Gina, Noemia (Bola), Alzira (Zica), Conceição (São), Beneti e um único homem – Benevenuto Silva, que nasceu em 1900 e aprendeu e atuou em vários números circenses, tendo se dedicado com empenho também na representação de papeis teatrais. As sete irmãs de Benevenuto permaneceram no circo mesmo depois de casadas, e eram excelentes artistas de números e de teatro também. Nesse período o circo se chamava Circo Teatro Variedades Irmãs Silva.



**Foto 2:** Barreira feminina do Circo Teatro Variedade Irmãs Silva

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

Já a família de Esther Riego, mãe de Barry, chegou à América Latina em 1909 e ao Brasil no ano seguinte, vindos de várias excursões pela Europa Ocidental, Oriental e Estados Unidos. Através de um álbum fotográfico de Esther, fomos informados que por volta de 1904 ela e seus pais fizeram uma turnê pela Rússia e Estados Unidos. Em 1909, foram contratados pelo Circo Lowande para atuarem em países latino americanos. Esther Riego tinha 10 anos de idade e apresentava-se no espetáculo como bailarina clássica, como registrado em diversas fotografias de jornais da época. Seu pai, Carlos Riego, fazia o número conhecido como hérules, que consistia na manipulação de objetos de elevado peso como, por exemplo, balas de canhões. Desde este período, a família Riego nunca mais deixou o Brasil, tendo trabalhado em diversos circos.

Do casamento Benevenuto e Esther, nasceram sete filhos: Yvone, Barry, Raquel, Marlene (morre ainda bebê), Edmundo, Milota e Wilma. Como a maioria dos circenses nascidos sob a lona, até pelo menos as décadas de 1960/70, Barry, bem como seus irmãos e irmão, iniciou seu aprendizado para se tornar artista bem cedo, aos 4 anos de idade.



**Foto 3:** Casamento de Benevenuto Silva e Esther Riego

Começou atuando como volante junto de seu avô Carlos Riego, que o colocava na cabeça para se equilibrar. Ainda nessa fase, aprendeu sapateado com o professor Al Dixon junto com as irmãs Raquel e Yvone. Depois começou a saltar, e com 5 ou 6 anos já dominava diversas acrobacias, enquanto a irmã Raquel fazia contorcionismo (deslocação). Na sequência desses aprendizados montou um número de paradas de mão e saltos, e se tornou campeão das disputadas de saltos nos charivaris (disputas) entre os circos.

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

Quando Barry tinha 9 anos de idade, em 1940, Benevenuto Silva morre. Esther, com seis filhos e com pouca ajuda para administrar o circo, casou-se com o secretário do circo, Manoel Pires, com o qual teve uma filha, Eli Pires. Já com dez anos, o circense tinha ampliado significativamente os números que aprendera e se apresentava nos espetáculos: número de facas, chicote e laços, escada dupla, parada de mão, saltos, danças e palhaço. Por causa do número de laços e chicotes, cujo personagem era um índio, o padrasto fez com que Barry deixasse o cabelo crescer, e não cortou até os 18 anos.

Durante sua infância, e principalmente depois da morte do pai, vários foram os mestres encarregados de ensinar as crianças do circo, independente se elas fossem filhos dos donos ou de artistas. Entre eles, um que Barry sempre trazia na memória como um mestre significativo para sua formação e que o aperfeiçoou era o Sr. Marrocos.

Com 15 anos Barry já fazia diversos números como atirador de facas, acrobacias usando escada, saltos, charivari, passeio aéreo, globo da morte, parada de mão nas cadeiras – em cima de uma banquilha, entrada de dandis cômico com Gasparino Silva e Antero François – Os Irmãos Calhordas, cesto do abismo e era clown de José Silva (casado com Gisa Temperani François) - o palhaço Girgilin. Além disso tudo fazia ainda teatro, e atuava nos papéis de criança como na peça *Os dois sargentos*, *Lágrimas de homem*, *O mundo não me quis*, *Amor e ódio*, e chanchadas como *O morto que não morreu*, *A menina virou*.

Na estrutura organizacional do circo do período de Barry Charles Silva, para ser artista circense tinha que aprender todas as artes e funções levadas ao picadeiro: acrobacia, equilíbrio, mágica, aéreos, dança, música (cantada e tocada), teatro, cenografia, iluminação, coreografia, vestuário, maquiagem, eletricitista, ferreiro, ferramenteiro, pintor, relações públicas, empreendedorismo, legislação, propaganda, empresário etc. O que se aprendia tinha que ser suficiente também para ensinar a armar e desarmar o circo, a preparar os números ou peças de teatro, além de treinar as crianças e adultos para executá-los.

Este conteúdo tratava também de ensinar sobre a vida nas cidades, as primeiras letras, as técnicas de locomoção do circo. Os saberes sobre segurança eram passados cotidianamente aos membros, além do fato de que a rede de informações entre os circos sempre foi, e ainda é, muito eficiente.

Quando um material novo era testado, ou quando acontecia alguma coisa com um artista ou material, o fato é circulado, para que todos, rapidamente, fiquem sabendo. A questão de segurança do artista e do público ultrapassava, e ainda ultrapassa barreiras e dificuldades

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

de distância, tempo e relações pessoais. Através deste saber transmitido coletivamente às gerações seguintes, garantiu-se a continuidade de uma maneira de trabalhar e de montar o espetáculo.

Mesmo observando a existência da hierarquia dentro do circo, é preciso salientar que o conhecimento não podia se concentrar no topo, não podia ser hierarquizante. Assim como também não podia ser segmentado. Cada um detinha o conhecimento de sua própria função, mas também conhecia o funcionamento do todo, para que além de diminuir o risco de acidentes, pudesse garantir o sucesso do circo como espetáculo. Era preciso, ao mesmo tempo, ser portador de um conhecimento especializado - seu número, e generalizado - o circo. Era exigida qualificação "verdadeira" - ou seja, domínio de um ofício (SILVA, 2009).

O circo da família de Barry sempre teve animais, e depois do casamento da mãe, o padrasto ampliou o número de "feras", sendo ele mesmo o domador. Entretanto, quando Pires viajava, quem o substituíra era Barry, o que fez com que logo na sua adolescência também tivesse que saber lidar com adestramento, atuando com as onças cujos nomes Caratinga e Corumbá, Barry lembrava mesmo com 80 anos.

Por volta de 1947, o circo da família se chamava Circo Zoológico Brasil, e eles estabeleceram relações próximas com a família Temperani. Leonardo Temperani, patriarca da família, comprou um globo da morte e, formaram um grupo: ele - Leonardo, entrava de moto e Barry, junto com o irmão Edmundo e a irmã Raquel entravam de bicicletas e motocicletas.



**Foto 4:** Barry Charles Silva caracterizado de globista

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

Aos 20 anos, sua mãe e o padrasto se separaram. Após essa separação, Adalberto Garcia (casado com Lola Stevanowich) e Domingos Bocuti, o palhaço Pastajuta, ocuparam o papel de administradores do circo. Depois de algum tempo, estes dois saem do circo, e Barry torna-se empresário geral do circo. Na realidade, o circo passou a ser administrado pela mãe Esther, Barry, Edmundo e Antenor Alves Ferreira, artista que já havia se tornado como uma espécie de sócio do circo (futuramente tornar-se-ia marido de Yvone). Após a morte da mãe em 1967, consolidou-se a sociedade entre os três, formando a Empresa BEA Espetáculos (BEA: Barry, Edmundo e Antenor).

Aos 21 anos de idade, na cidade de Getulina, interior de São Paulo, Barry conheceu Eduvirges Poloni e, apenas três meses mais tarde, se casaram. Dona Dú, como é conhecida, entrou para o circo, mas não aprendeu a ser artista. Entretanto, aprendeu a fazer parte da produção do espetáculo.

Sob a administração da BEA o circo recebeu diversos nomes: Circo Norte-Africano, Circo Panamericano e Circo Charles Barry. E em 1982 o circo iniciado pelo seu avô no século XIX encerrou suas atividades, passando a residir na cidade de Belo Horizonte (MG).

Após esta breve apresentação de parte da trajetória de Barry e sua família, voltemos ao itinerário da produção do vídeo documentário sobre o artista/empresário iniciada em 2012.

*O objetivo central do projeto foi registrar e dar visibilidade às memórias e realizações artísticas e de vida de "Seu Barry", que, quando iniciamos a produção estava vivo e atuou na participação de todas as fases, ações, etapas, homenagens, etc., que realizamos para a efetivação da mesma.*

A proposta de realização de um registro audiovisual com caráter de documentário deve ser vista não apenas como um vídeo de uma história de vida, mas também como um importante acervo de fontes orais, fotográficas e periódicos, ou seja, uma pesquisa rica em informações históricas, compostas por entrevistas com outros artistas circenses que ajudaram a conhecer e reafirmar a produção circense brasileira e latino americano. Assim, esta proposta pode ainda ser considerada uma importante referência para historiadores, estudantes, artistas e pesquisadores das artes circenses. Outro caráter relevante é o fato de se tratando de um trabalho audiovisual em formato digital, dialoga diretamente com a atualidade e com a expansão e dispersão da produção audiovisual na sociedade, possuindo maior acessibilidade ao público.

Para compor o documentário, pensamos na multidão que era composto "Seu Barry".

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

Assim, a nossa proposta foi partir da ideia da realização de uma cartografia desse artista circense. Cartografia entendida não apenas como “desenhar um mapa” das características de vida e obra, mas um "mapa" no qual apareça o que é constitutivo dele como aparência e, ao mesmo tempo, suas singularidades, que se cruzam e formam uma multidão Barry Charles Silva. O mapeamento cartográfico de vida e obra desse artista seria, metaforicamente, rios que se cruzam em vales, que estão estabelecidos em serras, planaltos, cidades, que se misturam com animais de todas as espécies (sob o chão, sobre a terra, das águas salgadas e doces, do ar), e, como diziam as propagandas circenses do século XIX: **etc., etc. e etc.**

Assim seria composta uma "multidão" Barry de forma narrada, contada, relatada, filmada, descrita por uma diversidade de vozes: dos entrevistados (família e amigos), das propagandas, das fotos, dos documentos, dos filmes etc., e que tratariam da suas variadas facetas, como, por exemplo, 3ª geração circense no Brasil, artista múltiplo (saltador, salto ornamental, trapezista, cantor, ator, dançarino, músico, globo em madeira, globo da morte - bicicleta e moto -, números aéreos), aprendiz/mestre, homem circense, filho, amigo, maçom, empresário (referência de empresário circense), chefe de clã, domador, aviador, marido, pai, avô - : **etc., etc. e etc.**

Sob essa perspectiva, não se espera que seja apresentada apenas parte da vida e obra de Barry Charles. Apesar de ele ser o foco principal, a perspectiva é dar visibilidade à própria produção circense do período. Nesse sentido, uma certa cartografia histórica do circo no Brasil se fez a partir da trajetória de Barry e suas múltiplas atuações. Ou seja, ao mesmo tempo em que se é contado a vida desse artista, também se está apresentando a própria história do circo e circenses brasileiros. Como afirmou Roger Avanzi, em homenagem realizada a Barry no Centro de Memória do Circo - SP, em 26 de março de 2012: **o Barry não é de circo, ele é o circo.**

Com esses objetivos, como mencionado anteriormente, reunimos, organizamos e produzimos diversos fontes que abarcam parte da "multidão" que foi Barry, conforme relacionamos a seguir:

- 3 Álbuns fotográficos – totaliza 500 imagens.
- Documentos cartoriais, borderôs, contratos, peças, propagandas, autorizações, recibos, cartas, posteres etc. - totaliza cerca de 300 itens.
- 5 entrevistas em k7 (1985 a 1995) – totaliza cerca de 8 horas.



## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

- 2 entrevistas em VHS (2005 e 2009) – totaliza cerca de 4 horas.
- 10 entrevistas com familiares (2012) – totaliza cerca de 9 horas.
- 3 rodas de conversa – aniversário (2012) – totaliza cerca e 6 horas.
- 10 relatos de artistas/amigos – CMC (2012) – totaliza cerca de 5 horas.
- 6 entrevistas com artistas/amigos/professores (2012) – totaliza cerca de 5 horas.

Devido a esse grande acervo de fontes, tanto produzidas em 2012 quanto de anos anteriores, a realização de um documentário com metragem de aproximadamente 1 hora passou a ser questionável. Não seria possível contemplar nem mesmo metade da vasta disponibilidade de documentos e entrevistas que pretendíamos abordar em função do limite de tempo imposto no documentário. Somado a isso, infelizmente Barry, apesar de ter participado constantemente de toda a elaboração desse material de pesquisa, faleceu no mês de agosto de 2012 em decorrência de um acidente de trânsito, ou seja, antes mesmo de terminarmos a produção.

Em função da extensa quantidade de fontes reunidas/produzidas e, principalmente, do falecimento repentino de Barry, não foi possível concretizarmos a montagem final de um documentário.

Apesar disso, no fim de 2015 retomamos a produção dessa pesquisa e hoje, com novo fôlego e parcerias, estamos desenvolvendo a criação de um webdoc, plataforma digital transmídia que permite amplo acesso via internet e sugere a interação com o público.

As possibilidades da produção transmídia e a interação com o público tal qual o próprio circo, vão ao encontro do objetivo de apresentar as várias facetas de Barry e também do circo. Além disso, o webdoc, que por hora recebe o título de Circotech, oferece as condições necessárias para a apresentação e difusão da grande e variada quantidade de fontes que foram organizadas e produzidas em 2012, garantido acessibilidade, interatividade e ludicidade. Assim, o fato de Barry infelizmente não ter visto uma produção que contasse um pouco de suas várias trajetórias, com sua vida, suas artes, saberes e intenso trabalho no universo do circo foi o grande motivador desta nova produção que aos poucos vem ganhando contornos e que esperamos em breve alcançar o respeitável público.

### **Referências Bibliográficas**

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

LOPES, Daniel; SILVA, Erminia. **Circo e Palhaços no Rio de Janeiro: Império.** Rio de Janeiro: Off-Sina, 2015.

SILVA, Erminia. **Circo-Teatro: Benjamim de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil.** São Paulo: Altana, 2007.

SILVA, Erminia; ABREU, Luiz Alberto de. **Respeitável público...o circo em cena.** Rio de Janeiro: FUNARTE, 2009.